

A subversão de sentidos na tradução do verbo *ἐλκύω* no Novo Testamento e seus impactos teológicos

RESUMO

Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello
migliozi@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Este artigo analisa o verbo grego *ἐλκύω*, presente no Novo Testamento, explorando sua evolução semântica e suas implicações teológicas. A investigação é conduzida à luz da Semiótica Discursiva, que fornece os instrumentos teóricos para compreender como os sentidos do verbo se constituem na enunciação e se articulam com o contexto histórico e teológico de sua produção discursiva. A pesquisa utiliza três dicionários especializados, LSJ, BDAG e TDNT, para oferecer uma abordagem semântica, filosófica, histórica e exegética. Desde Homero, o verbo carrega o núcleo semântico de um movimento imposto por força externa, seja em sentido literal (arrastar corpos, puxar redes) ou figurado (atração irresistível por desejos). Essa característica é confirmada por paralelos clássicos, como Platão e Eliano, e pelo verbo latino *trahere*, reforçando a ideia de compulsão inevitável. A análise mostra que, no inglês, “to draw”, um dos verbos utilizados para traduzir *ἐλκύω*, evoluiu de “puxar/arrastar” para incluir “atrair”, suavizando o sentido original. No português, as traduções bíblicas investigadas variam entre “puxar”, “arrastar”, “trazer” e “atrair”. Em usos ordinários (João 18:10; 21:6; Atos 16:19, dentre outros), predominam “puxar” e “arrastar”, preservando a força externa. Já nos usos soterológicos (João 6:44; 12:32), observa-se divergência: em João 6:44, 66,7% das traduções bíblicas investigadas optam por “trazer”, enquanto, em João 12:32, todas optam por “atrair”. Essa escolha lexical pode influenciar a interpretação teológica, pois o verbo “atrair”, se for desconsiderado o contexto sócio-histórico de uso do grego antigo, período clássico e koiné, pode sugerir persuasão resistível, enquanto “trazer” indica ação eficaz e soberana do agente. Os dicionários especializados cotejados convergem para um sentido único e estável: *ἐλκύω* implica movimento irresistível, quer em sentido literal ou figurado, fundamentando a doutrina da graça eficaz. A suavização nas traduções reflete preocupações semânticas, estilísticas e teológicas, podendo sustentar interpretações soterológicas sinérgicas. Conclui-se que compreender o núcleo semântico do verbo, em seu contexto original de produção, é essencial para uma exegese fiel e para evitar distorções interpretativas e de traduções.

PALAVRAS-CHAVE: *ἐλκύω*. Efeitos de sentido. Tradução bíblica. Novo Testamento. Graça irresistível.

O SENTIDO DE *ΕΛΚΥΩ* NO GREGO ANTIGO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o sentido do verbo grego *ἐλκύω* no Novo Testamento. A análise parte dos pressupostos da Semiótica Discursiva, entendendo o verbo como um objeto de significação, cujos sentidos se constroem a partir das relações estabelecidas na enunciação e nas condições histórico-discursivas de sua produção. Posteriormente, será analisado como este lexema foi traduzido para o português. Para explorar os sentidos do verbo *ἐλκύω*, serão usados três dicionários especializados, a saber: LSJ, BDAG e TDNT. Essas três fontes, usadas em conjunto, permitem uma abordagem semântica, histórica, filosófica e teológica do texto bíblico grego, oferecendo uma base sólida para uma interpretação acadêmica e para uma exegese responsável. Tal procedimento alinha-se à perspectiva da Semiótica Discursiva, que exige a articulação entre níveis semânticos, históricos e discursivos para reconstruir a enunciação e para compreender a dinâmica de sentido implicada no verbo.

O *Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon* (LSJ) traz uma abordagem clássica e abrange usos dos verbetes desde Homero até o período helenístico. Torna-se fundamental para entender o uso filosófico, poético e secular dos lexemas gregos. Permite, ainda, comparar o uso bíblico dos termos com o uso extrabíblico, o que enriquece a compreensão dos sentidos dos verbetes. Não há tradução deste dicionário para o português.

Para o verbo *ἐλκω*, ou *ἐλκύω* em uso posterior¹, o LSJ (1940, p. 688) traz a seguinte explicação: “to drag” (“arrastar”), “to pull” (“puxar”), “to draw” (dependendo do sentido pode ser traduzido por “puxar”, “arrastar”, “atrair”)². Em sentido literal, o LSJ (1940, p. 688) explica que *ἐλκύω* é usado no sentido de “drawing ships, ploughs, nets, swords” (“puxando navios, arados, redes, espadas”)³. O LSJ (1940, p. 688) explica também que o termo foi usado:

- a) na *Iliada*, de Homero (Livro 13, parágrafo 383), no sentido de “dragging a body by the foot” (“arrastando um corpo pelo pé”);
- b) na *Odisséia*, de Homero (Livro 16, parágrafo 276), como “dragging someone out by the feet” (“arrastando alguém pelos pés”);
- c) na *Histórias*, de Heródoto (Livro 1, parágrafo 92), “dragging someone to punishment” (“arrastando alguém para o castigo”).

Em sentido metafórico, o LSJ (1940, p. 688) registra os seguintes usos:

- a) em *Fedro*, de Platão, no sentido de “drawn by desires toward pleasure” (“atraído pelos desejos em direção ao prazer”);
- b) em *História dos Animais*, de Cláudio Eliano (livro 6, capítulo/seção 31), como “drawn by pleasure” (“atraído pelo prazer”);
- c) em *Éclogas*, de Vergílio (poema 2, verso 65), como “trahit sua quemque voluptas” (“each is drawn by his own desire”) (“cada um é arrastado pelo seu próprio desejo”).

O exemplo citado pelo LSJ do poema acima de Vergílio traz o verbo latino *trahit*, do verbo *trahere*, que significa “puxar, arrastar, atrair”. O LSJ menciona isso para mostrar um paralelo semântico entre o grego *ἐλκω/ἐλκύω* e o latino *trahere*, pois ambos compartilham a ideia de “atrair” ou “arrastar”, seja em sentido literal ou figurado.

O verbo grego ἔλκω/ἐλκύω, conforme atestado desde Homero até autores posteriores, carrega em seu núcleo semântico a “ideia de um movimento provocado por uma força externa que impõe direção a um objeto ou a uma pessoa”. Seja em usos literais, como em arrastar corpos, puxar navios ou conduzir alguém ao castigo, seja em usos figurativos, como ser levado pelos desejos ou atraído pelo prazer, o termo nunca descreve um movimento espontâneo, mas sempre uma ação sofrida, em que algo ou alguém é compelido, puxado ou arrastado por uma força alheia. Essa característica fundamental, já presente nos primeiros registros épicos e filosóficos, mostra que o vocábulo expressa não apenas deslocamento físico, mas também a experiência de ser submetido a impulsos ou influências irresistíveis.

Conforme propõe a Semiótica Discursiva, a análise dos traços sêmicos constitui etapa necessária para compreender como o enunciado materializa a enunciação e organiza os valores em jogo. Essa ideia de um “movimento provocado por uma força externa” é o que, na análise da Semântica Estrutural, chama-se de traços sêmicos, ou simplesmente semas. Nessa abordagem, cada palavra é composta por um conjunto de traços distintivos que delimitam seu campo semântico. No caso de ἔλκω/ἐλκύω, um dos semas fundamentais é justamente o de “força externa que provoca movimento”, seja físico (arrastar, puxar) ou figurado (atrair, compelir). Esse traço sêmico é o que garante a coerência entre os diferentes usos do verbo ao longo da literatura grega, desde Homero até Platão, e permite estabelecer paralelos com o latim *trahere*.

Como apontado anteriormente, o LSJ (1940, p. 688) trouxe a tradução de ἔλκω/ἐλκύω para o inglês como “to drag” (arrastar) e “to pull” (puxar). Nestes dois lexemas em inglês, a ideia de uma força externa irresistível que impõe uma direção a um objeto ou a uma pessoa é incontestável. Por outro lado, foi apontado também outro verbo alternativo na tradução para o inglês: “to draw”. Em língua inglesa, este verbo traz vários sentidos, dependendo do contexto em que é empregado. Pode ser traduzido como “arrastar” e “puxar”, como sinônimo de “to drag” e “to pull”. Entretanto, também pode ser traduzido como “atrair”, e sobre este traço sêmico, convém fazer alguns esclarecimentos. Alguém poderia afirmar que o traço sêmico de “atrair” do verbo “to draw” enfraqueceria o sentido da “força externa irresistível” apontado acima, já que aquilo que atrai, em tese, pode ser resistido, o que neutralizaria a força externa.

No uso figurativo do verbo grego ἔλκω/ἐλκύω, tal como apontado acima pelo LSJ (1940, p. 688), permanece sempre o traço sêmico de uma força externa que domina e conduz o sujeito, sem espaço para neutralização ou resistência. O LSJ (1940, p. 688) explica que, em *Fedro*, de Platão, por exemplo, o verbo aparece para descrever a alma “atraída pelos desejos em direção ao prazer”, e o contexto mostra que não se trata de uma escolha voluntária, mas de uma submissão inevitável às forças do desejo. De modo semelhante, em *História dos Animais*, de Cláudio Eliano, como apontado pelo LSJ (1940, p. 688), o verbo é empregado para indicar que os seres vivos são “arrastados pelo prazer”, novamente reforçando a ideia de compulsão irresistível: o prazer age como uma força que subjuga e que conduz. O paralelo estabelecido pelo LSJ com o latim *trahere* confirma essa leitura, pois, em Virgílio, nas *Éclogas* (poema 2, verso 65), o verso *trahit sua quemque voluptas* (“cada um é arrastado pelo seu próprio desejo”) mostra que o desejo não apenas atrai, mas arrasta cada indivíduo de forma inevitável. Assim, tanto em grego quanto em latim, o verbo conserva, no uso figurativo, o mesmo núcleo

semântico presente no uso literal: uma força externa que prevalece sobre o sujeito, impondo-lhe direção e conduzindo-o, seja no plano físico ou no plano dos afetos e dos prazeres.

O verbo inglês “to draw” tem origem no inglês antigo (cerca de 450-1150 d.C.) a partir de *dragan*, cujo sentido fundamental era “puxar, arrastar”. Nesse período, o núcleo semântico era claramente físico e irresistível, como em usos de “puxar uma espada” ou “arrastar uma carroça”. É somente a partir do inglês médio (1150-1500 d.C.) que o verbo começou a adquirir usos figurativos, como “atrair alguém para um lugar”, introduzindo o traço sêmico de atração como extensão metafórica do ato de puxar. No inglês moderno inicial (1500-1700 d.C.), época de Shakespeare e da Bíblia King James, o verbo diversificou-se ainda mais, passando a significar também “desenhar” (“desenhar uma figura”) ou “extrair/tirar” (“tirar sangue”). Finalmente, no inglês moderno (1700 até hoje), consolidou-se como um verbo polissêmico, abrangendo os sentidos de “puxar”, “atrair”, “extrair” “desenhar” etc.

Assim, o sema de “to draw” como atrair se inicia com o inglês médio (1150-1500 d.C.) como extensão figurativa de “puxar/arrastar”. O que ocorre no inglês moderno é que esse sema convive com outros usos e, em alguns contextos, pode sugerir uma força resistível ou apenas uma influência suave. Em contraste, no grego antigo *ἔλκω/ἐλκύω*, tanto nos usos literais quanto figurativos, o traço sêmico da força externa irresistível permanece constante: seja arrastando corpos, em Homero, ou conduzindo almas e desejos, em Platão e em Eliano, o verbo nunca se dissocia da ideia de compulsão inevitável. Com isso, quando o *Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon* (LSJ) foi originalmente publicado, em 1843, esse sentido figurado do verbo “to draw” já era um sentido plenamente estabelecido em inglês. Todavia, ressalta-se, mais uma vez, que o sentido original em grego, seja em sentido literal ou figurado, como já se apontou, sempre esteve associado à “ideia de um movimento provocado por uma força externa que impõe direção a um objeto ou a uma pessoa”. Com isso, o falante do inglês moderno, ou o falante do português por consequência, pode até sentir que o sentido figurado do verbo “to draw”, traduzido como “atrair”, minimiza, suaviza, relativiza o sentido da “força externa irresistível”. Porém, não é esse o sentido original do verbo, seja em seu sentido literal ou figurado. Compreender esse núcleo semântico é essencial não apenas para a tradução, mas também para a interpretação teológica, pois o significado original do verbo sustenta conceitos centrais da soteriologia cristã.

Seguindo o percurso metodológico da Semiótica Discursiva, a análise das ocorrências textuais visa a observar como o mesmo núcleo sêmico se reconfigura em diferentes contextos enunciativos, permitindo verificar a estabilidade e as variações discursivas do verbo no *corpus* neotestamentário.

AS OCORRÊNCIAS DE *ΕΛΚΥΩ* NO NOVO TESTAMENTO

O lexema *ἐλκύω* registra oito ocorrências no Novo Testamento. Abaixo, segue a lista dos versículos em que o termo foi utilizado. A palavra usada em português para traduzir *ἐλκύω* será sublinhada, para facilitar a leitura do texto. Foram analisadas várias edições bíblicas, como será demonstrado⁴. Os versículos serão agrupados em dois blocos, tendo como referência o propósito do verbo no seu contexto imediato de uso, a saber: o uso de *ἐλκύω* em seu sentido ordinário e em seu sentido soterológico.

USO DO TERMO *ΕΛΚΥΩ* EM SEU SENTIDO ORDINÁRIO

João 18:10: “Então, Simão Pedro puxou da espada que trazia e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita; e o nome do servo era Malco.”

João 21:6: “Disse-lhes ele: Lançai a rede à direita do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam puxar por causa da grande quantidade de peixes.”

João 21:11: “Entrou Simão Pedro no barco e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede.”

Atos 16:19: “Ora, vendo seus senhores que a esperança do seu lucro havia desaparecido, prenderam a Paulo e Silas, e os arrastaram para uma praça à presença dos magistrados.”

Atos 21:30: “Então, toda a cidade se alvoroçou, e houve ajuntamento do povo; e, pegando em Paulo, arrastaram-no para fora do templo; e imediatamente fecharam as portas.”

Tiago 2:6: “Entretanto, vós outros menosprezastes o pobre. Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrastam para tribunais?”

Os verbos encontrados nas traduções cotejadas⁵ nesse momento foram “puxar”, “arrastar”, “tirar” e “desembainhar”. Não houve alteração na tradução dos verbos nas várias versões bíblicas analisadas, isto é, as várias versões bíblicas usaram os mesmos verbos para traduzir *ἐλκύω*. Esse fato revela a preocupação em manter, em maior ou em menor grau, o núcleo semântico do verbo *ἐλκύω*. Termos como “puxar” e “arrastar” são os que mais se aproximam do sentido original, pois comunicam claramente a ideia de uma força externa que atua sobre um objeto ou pessoa, impondo movimento e direção, tal como indicado pelos dicionários. “Arrastar”, por exemplo, carrega uma conotação de resistência vencida, sugerindo que o objeto não se move por iniciativa própria, mas é compelido por uma força superior, exatamente o traço sêmico presente em *ἐλκύω* desde seus usos mais antigos. “Puxar” também preserva essa noção, ainda que com menor intensidade, indicando ação eficaz que parte do agente, e não do paciente.

Por outro lado, “tirar” e “desembainhar” aparecem em contextos específicos, como em João 18:10 e, embora não expressem diretamente a ideia de compulsão, ainda pressupõem uma ação ativa que desloca algo de sua posição original. Esses usos, mesmo menos intensos, não anulam o traço fundamental: o movimento não é espontâneo, mas provocado por uma força externa. Assim, mesmo com variações estilísticas, as traduções mantêm coerência com o sentido ordinário do verbo grego, que descreve um deslocamento imposto. Essa fidelidade lexical é importante, porque, como se verá na sequência, no plano teológico, reforça a imagem da soberania divina: tal como a espada não se move sozinha, nem a rede retorna por si mesma, também o pecador não vem a Cristo por iniciativa própria, mas é conduzido pelo poder eficaz do Pai.

USO DO TERMO *ΕΛΚΥΩ* EM SEU SENTIDO SOTEROLÓGICO

João 6:44: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.”

João 12:32: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.”

Como se percebe por estas passagens acima, em seu uso soterológico, já houve variação de tradução dentro da mesma versão bíblica. Foram utilizados os verbos “trazer” e “atrair”. Ressalta-se que nenhuma dessas ocorrências apareceu nas passagens do uso ordinário do termo. Justamente por isso, o uso do lexema *ἐλκύω* em sentido soterológico demanda mais atenção. Observe-se agora como o verbo *ἐλκύω* foi traduzido em várias versões bíblicas⁶, conforme Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Traduções do verbo *ἐλκύω*

Versão	João 6:44	João 12:32
ARA	trouxer	atrairei
ARC (1969)	trouxer	atrairei
ARC (2009)	trouxer	atrairei
A21	trouxer	atrairei
BLT	atrair	atrairei
NAA	trouxer	atrairei
NBV-P	trouxer	atrairei
NTLH	trouxer	atrairei
NVI	trouxer	atrairei
NVT	trouxer	atrairei
VFL	trouxer	atrairei
TB	trouxer	atrairei
Ave Maria	atrair	atrairei
BJ	atrair	atrairei
Peregrino	atrair	atrairei
TEB	atrair	atrairei
BKJF 1611	atrair	atrairei
KJA	trouxer	atrairei

Fonte: Elaborado pelo autor.

A predominância de “trouxer”, em João 6:44, e de “atrairei”, em João 12:32, revela uma tendência interpretativa que merece atenção.

O *Theological Dictionary of the New Testament* (TDNT) começou a ser publicado em alemão em 1933 e foi concluído em 1973 com o título *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, editado por Gerhard Kittel⁷ e depois Gerhard Friedrich. Trata-se de uma publicação em nove volumes. A tradução inglesa, editada por Geoffrey W. Bromiley, foi publicada pela primeira vez em 1964 pela William B. Eerdmans Publishing Company. Trata-se de uma obra monumental, organizada por radicais gregos com foco teológico. Oferece uma análise profunda do desenvolvimento histórico, filosófico, judaico e cristão dos termos. Dessa forma, este dicionário é crucial para entender o significado teológico das palavras no contexto bíblico. Além disso, ele integra dados da Septuaginta, literatura rabínica, patrística e clássica, conectando o uso linguístico à teologia sistemática. Não existe uma tradução integral dos volumes originais do *Theological Dictionary of the New Testament* (TDNT) para o português. O que temos em português são versões resumidas e seleções de algumas partes, que condensam os principais artigos do TDNT. Portanto, essas versões não correspondem aos dez volumes

completos da tradução alemã ou inglesa. Por essa razão, mais uma vez, será usada aqui a versão inglesa.

O TDNT está em fina consonância com o LSJ em vários aspectos. Por exemplo, o TDNT (vol. 2, p. 503) explica que o verbo ἔλκω/ἐλκύω apresenta inicialmente um sentido literal, significando puxar ou arrastar objetos ou pessoas, como ocorre em João 21:6, em que os discípulos não conseguem puxar a rede cheia de peixes, ou em Atos 16:19, quando Paulo e Silas são arrastados à praça. Em relação ao sentido figurativo do verbo, o TDNT explica que o verbo grego indica uma ação interna e persuasiva, não por compulsão externa, mas por influência interior, como se vê em João 6:44 e 12:32, em que a atração não é física, mas espiritual, expressando a iniciativa divina que move a vontade humana. O TDNT aprofunda essa ideia ao relacioná-la com paralelos clássicos, como Platão (*Fredo*, 238a) e Eliano (*História dos Animais*, 6.31), que empregam o verbo para descrever forças interiores que conduzem a alma, mas ressalta que, no contexto do Evangelho de João, essa atração é eficaz e graciosa, vinculada à obra redentora e à ação soberana de Deus, não à coerção externa. Cumpre esclarecer que essa ideia já fora anteriormente destacada aqui, quando foram explorados os sentidos do termo grego pelo LSJ, que não é um dicionário de base teológica, o que reforça ainda mais os sentidos originais pretendidos no grego clássico de Platão e de Claudio Eliano ou no grego koiné do Novo Testamento.

Essa mesma linha de conceituações e de explicações teológicas também está presente no *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (BDAG), editado por Danker, Frederick W.; Walter Bauer; William F. Arndt e por F. Wilbur Gingrich. Ele é considerado o dicionário mais completo e crítico para o grego do Novo Testamento e da literatura cristã primitiva. A primeira edição foi baseada no trabalho de Walter Bauer, que escreveu originalmente em alemão (*Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*). As edições posteriores (BDAG), incluindo a terceira, publicada em 1957 pelos quatro autores acima elencados, são traduções e revisões críticas para o inglês, feitas por Arndt, Gingrich e Danker, com muitas atualizações e acréscimos. Não há uma tradução integral do BDAG para o português. Existem apenas materiais auxiliares e glossários baseados nele, mas não uma edição oficial completa. A ênfase deste dicionário está no grego koiné, oferecendo definições precisas com base em contexto bíblico e patrístico. Traz exemplos de uso real nas Escrituras e em literatura cristã primitiva. Torna-se essencial para a exegese bíblica, pois distingue sentidos teológicos, literais e figurados com base em evidência textual.

No BDAG (Danker *et al.*, 2000, p. 318), o verbo grego ἔλκω/ἐλκύω também apresenta dois campos semânticos principais: um literal e outro figurado. O sentido literal é definido como “to move an object from one area to another in a pulling motion, draw, drag, pull” (“mover um objeto de uma área para outra com um movimento de puxar; arrastar, puxar, tracionar”), indicando um movimento físico imposto por uma força externa, como ocorre em João 21:6, quando as redes são puxadas para dentro do barco. Em contraste, o sentido figurado, também registrado pelo BDAG (Danker *et al.*, 2000, p. 318), descreve uma ação eficaz no plano espiritual: “to draw a person in the direction of values for inner life, attract” (“atrair uma pessoa na direção de valores para a vida interior”). Esse uso aparece em João 6:44 e 12:32, em que o verbo expressa a iniciativa soberana de Deus na salvação, conduzindo o pecador a Cristo. Não se trata de mera persuasão, mas de

uma operação irresistível que subjuga a vontade humana e garante o cumprimento do propósito divino.

Essa interpretação encontra respaldo no TDNT, que enfatiza que, no quarto evangelho, ἔλκω/ἐλκύω não sugere violência física, mas uma ação eficaz da graça, que atua de modo determinante, sem anular a personalidade humana. O LSJ, por sua vez, confirma que, desde Homero, o verbo conserva a ideia de compulsão, mesmo em usos figurativos, aproximando-se do latim *trahere*, como em Virgílio (*Éclogas*, 2006, poema 2, verso 65), em que o desejo “arrasta” o indivíduo de forma inevitável. Assim, os três dicionários convergem para um núcleo semântico estável: seja no plano físico ou espiritual, ἔλκω/ἐλκύω indica um movimento imposto por uma força externa eficaz. Aplicado ao contexto soterológico, isso fundamenta a doutrina da graça irresistível: o Pai não apenas convida, mas efetivamente conduz o pecador a Cristo, garantindo-lhe a salvação.

CONSIDERAÇÕES SEMIÓTICO-DISCURSIVAS

O verbo grego ἔλκω/ἐλκύω, conforme atestado desde Homero até autores posteriores, carrega em seu núcleo semântico a ideia de um movimento provocado por uma força externa que impõe direção a um objeto ou a uma pessoa. Seja em usos literais, como arrastar corpos, puxar navios ou conduzir alguém ao castigo, seja em usos figurativos, como ser levado pelos desejos ou atraído pelo prazer, o termo nunca descreve um movimento espontâneo, mas sempre uma ação sofrida, em que algo ou alguém é compelido, puxado ou arrastado por uma força alheia. Platão, em *Fedro*, emprega o verbo para descrever a alma “atraída pelos desejos em direção ao prazer”, e o contexto indica submissão inevitável, não escolha voluntária. De modo semelhante, Eliano, em *História dos Animais*, afirma que os seres vivos são “arrastados pelo prazer”, reforçando a ideia de compulsão. O paralelo estabelecido pelo LSJ com o latim *trahere* confirma essa leitura: em Virgílio, nas *Éclogas* (poema 2, verso 65), o verso *trahit sua quemque voluptas* (“cada um é arrastado pelo seu próprio desejo”) mostra que o desejo não apenas atrai, mas arrasta cada indivíduo de forma inevitável. Assim, tanto em grego quanto em latim, o verbo conserva, no uso figurativo, o mesmo núcleo semântico presente no uso literal: uma força externa que prevalece sobre o sujeito, impondo-lhe direção e conduzindo-o, seja no plano físico ou no plano dos afetos e dos prazeres. Esse traço sêmico, a força externa irresistível, é o que garante a coerência entre os diferentes usos do verbo ao longo da literatura grega e fundamenta sua aplicação teológica no Novo Testamento.

Torna-se necessário também ressaltar o uso do verbo “poder” em João 6:44 (“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxe; e eu o ressuscitarei no último dia.”). Neste versículo, a incapacidade humana é expressa também pelo verbo δύναται (“poder”), indicando ausência total de habilidade e de condições, físicas e morais, para vir a Cristo. Sproul (1986)⁸ observa que “can” (poder) não significa permissão, mas capacidade ou habilidade. Cita a afirmação de Jesus (João 6:44), quando este declara categoricamente: “No one can come to Me unless the Father draws him” (“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxe”). Sproul (1986) explica que o “se” (“unless”) é uma “condição necessária”, isto é, condição *sina qua non* para que algo aconteça. Essa condição necessária, continua Sproul, é suprida pela ação divina descrita pelo verbo ἔλκω/ἐλκύω, que, conforme o BDAG (Danker *et al.*, 2000, p. 318), significa

“to move an object from one area to another in a pulling motion, draw, drag, pull” (“mover um objeto de uma área para outra por meio de um movimento de tração; puxar, arrastar”) e, em sentido figurado, “to draw a person in the direction of values for inner life, attract” (“atrair uma pessoa na direção de valores para a vida interior; atrair”).

O TDNT reforça que essa atração não é mera persuasão, mas uma operação eficaz da graça, enquanto o LSJ confirma que, desde Homero, o verbo conserva a ideia de compulsão irresistível, aproximando-se do latim *trahere*, como em Virgílio (*Éclogas*, 2.65). Sproul (1986) sintetiza essa força irresistível ao afirmar: “Jesus Himself says that no man can do it unless the Father compels him to do it. That is pure Augustinianism” (“O próprio Jesus diz que ninguém pode fazê-lo, a menos que o Pai o obrigue a fazê-lo. Isso é puro agostinianismo.”). Assim, a união entre δύναιται e ἔλκω revela a lógica da graça eficaz: o homem não pode, a menos que Deus o atraia de modo soberano e irresistível. Em síntese, a estrutura do texto do Apóstolo João não descreve um convite frágil, mas uma operação divina que subjuga a vontade humana e garante a salvação, fundamentando a doutrina da graça irresistível.

Como se percebe, a escolha lexical nas traduções é decisiva. A opção por “atrair” nas versões modernas tende a suavizar o sentido original, pois desloca a ideia de compulsão irresistível para uma noção de influência persuasiva. Enquanto “arrastar” ou “puxar” preservariam integralmente esse traço, “atrair” sugere uma ação que pode ser resistida, aproximando-se mais de convite do que de imposição. Em contraste, “trouxe”, usado por 66,7% das versões analisadas em João 6:44 (“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxe; e eu o ressuscitarei no último dia.”), mantém a ideia de condução soberana, pois indica uma ação eficaz, que não depende da iniciativa do objeto, mas da vontade e do poder de quem age.

Essa mudança não é arbitrária. Tradutores evitam termos como “arrastar” por sua conotação violenta e pouco adequada ao registro espiritual, preferindo “atrair” por motivos estilísticos, culturais, que estão em conformação com os padrões modernos de comportamentos. Em português contemporâneo, “arrastar”, aplicado a pessoas, soa rude, enquanto “atrair” é percebido como mais elegante e poético, especialmente em contextos litúrgicos. Justamente por isso é que muitas pessoas “não recebem bem” o trecho da Parábola das Bodas do Cordeiro (Lucas 14:15-24) em que o Senhor prepara o grande banquete e “convida a muitos” (v. 16) e, de seus convidados, não apareceu nenhum ao Grande Banquete (v. 18). Então, o Senhor envia seus escravos e manda “trazer” (v. 21) os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. Porém, havendo ainda lugares sobrando, o Senhor envia uma segunda vez seus escravos com a ordem de “obrigar” (v. 23) a todos a entrar na festa, para que fique cheia a sua casa. Essa passagem não é bem recebida por muitos, porque soa rude e deselegante “mandar trazer” e “obrigar” as pessoas a participarem das Bodas do Cordeiro. A bem da verdade, esse texto sugere que se o Senhor apenas “convidasse” as pessoas para a sua festa, como ocorreu no versículo 16, o Noivo ficaria sem Sua noiva para Suas bodas. Com isso, para que o Noivo possa ter Sua noiva, será necessário muito mais do que um mero convite, que poderia ser simplesmente rejeitado, como de fato ficou demonstrado na parábola, sob a alegação de motivos tolos e fúteis. Dessa forma, será necessário ao Noivo:

- a) “trazer”, “arrastar” Sua noiva, por meio de uma “força externa irresistível, que domina e conduz o sujeito”;
- b) usar uma “força externa que indica uma ação interna e persuasiva, não por compulsão externa, mas por influência interior”;
- c) fazer uso de uma “força externa que domina e conduz o sujeito, sem espaço para neutralização ou resistência”;
- d) lançar mão de uma “força externa que prevalece sobre o sujeito, impondo-lhe direção e conduzindo-o, seja no plano físico ou no plano dos afetos e dos prazeres”;
- e) usar com Sua noiva prometida uma “força que nunca descreve um movimento espontâneo, mas sempre uma ação sofrida, em que algo ou alguém é compelido, puxado ou arrastado por uma força alheia”.

Eis aí os principais traços sêmicos que descrevem os sentidos pretendidos pelo uso do verbo ἐλκύω no Novo Testamento. Não atentar para esses sentidos presentes do texto original é falsear a exegese bíblica e dar vazão ao subjetivismo da análise.

A aplicação da Semiótica Discursiva não surge aqui de forma acessória, mas estrutura toda a metodologia empregada neste trabalho. É nesse sentido que se compreende o risco do subjetivismo da análise: quando se afirma que o texto diz algo, mas não se encontram nele evidências, marcas, pistas para sustentar tal afirmação.

É justamente isso que ensina a Semiótica Discursiva quando afirma que os sentidos do texto se encontram em sua enunciação, não no enunciado. Portanto, é preciso ir além do enunciado, isto é, da materialidade textual. É preciso entrever a enunciação, que deve ser reconstruída pelas marcas deixadas no texto pelo enunciador. É isso, por exemplo, que fizeram E. Benveniste (1989) e A. Greimas (1975). O estudo do enunciado é apenas o meio, a estratégia para se chegar à apreensão da enunciação.

Ao se estudar a enunciação de um texto, o que se busca é o sentido que o discurso adquire em seu contexto original de produção. Como diria Landowski (1992, p. 166), a função de um estudo semiótico é “saber como a ‘significação’ vem ao mundo”. Nessa mesma linha de raciocínio, Barros (1994, p. 86) define enunciado como “objeto-textual resultante de uma enunciação”, e enunciação como “instância de mediação entre as estruturas narrativas e discursivas que, pressuposta no discurso, pode ser reconstruída a partir das pistas que nele espalha; é também mediadora entre o discurso e o contexto sócio-histórico”. Nesse sentido, a Semiótica concebe o texto como um “objeto de significação” e, ao mesmo tempo, como um “objeto histórico”. Para a Semiótica, os sentidos nascem das relações. Um leitor só pode compreender os sentidos do texto, quando estabelece relações naquilo que lê. Essas relações, como aponta Barros, podem ser feitas pelas pistas que o enunciador espalha no interior do enunciado, mas as relações também são reconstruídas graças à mediação entre o discurso e o contexto sócio-histórico no qual surge aquele discurso.

Ainda sobre a relação do discurso com o seu contexto sócio-histórico e sobre a metodologia de investigação da Semiótica, Fiorin (2012, p. 29-30) escreve:

A Semiótica, ao contrário do que afirma certa vulgata, nunca repudiou a historicidade do sentido. Recusou-se, no entanto, a considerar válida uma análise linguística acoplada a uma análise histórica do momento de produção do texto, cada uma feita com um princípio metodológico distinto. Ao contrário, ao propor a incorporação da História, sob o primado da forma, o que pretendeu foi, de um lado, estabelecer um mínimo de coerência epistemológica na análise do sentido; de outro, ver a História como interna e inerente ao sentido. A História não é externa ao sentido; ele é histórico porque se constitui num processo dialético.

Como se percebe, não há como buscar pelas significações de um texto qualquer, sem considerar sua ancoragem na História, sem buscar o contexto sócio-histórico a partir do qual foi criado. O texto nasce a partir de suas relações com a História, e a História, por sua vez, imprime suas marcas culturais, filosóficas, sociais, teológicas no texto criado. Dessa forma, a Semiótica nunca desprezou a historicidade do texto, mesmo porque ela é inerente à materialidade textual. É por isso que se diz que, para a Semiótica, o texto é, ao mesmo tempo, objeto de significação e objeto histórico.

Essa perspectiva semiótica, que reconhece a inseparabilidade entre texto e contexto histórico, é fundamental também para a análise das traduções bíblicas. Assim como não se pode interpretar um texto literário sem considerar as marcas culturais e filosóficas que o constituem, também não se pode avaliar uma tradução bíblica sem levar em conta o horizonte teológico e histórico que molda suas escolhas lexicais. É nesse ponto que a questão se torna crítica: quando a tradução suaviza ou altera o núcleo semântico original, ela não apenas modifica o sentido linguístico, mas pode reconfigurar doutrinas bíblicas fundamentais.

Além disso, a escolha de termos que não refletem a ortodoxia bíblica é preocupante. Em muitos casos, isso é feito para evitar implicações da soberania divina e favorecer interpretações que preservam a liberdade humana. Aqui emerge uma nuance teológica importante: ao optar por “atrair”, algumas versões aproximam-se de uma perspectiva soterológica sinergista, na qual a graça divina é vista como um convite que requer resposta humana, e não como ação irresistível que garante a salvação. No entanto, essa suavização contrasta com o núcleo semântico do verbo grego, que descreve um movimento imposto por uma força externa eficaz, não resistível. Aplicado ao contexto soterológico, isso aponta para a graça irresistível: o Pai não apenas convida, mas efetivamente conduz o pecador a Cristo. A imagem é de uma ação divina que subjuga a vontade humana e a orienta para a vida eterna, não de um chamado frágil que depende da resposta humana. Em João 6:44, 66,7% das 18 versões analisadas optam por “trouzer”, enquanto 33,3% preferem “atrair”. Já em João 12:32, há unanimidade: todas usam “atrairei”. Essa variação não é meramente lexical, mas revela uma orientação interpretativa. Onde se lê “trouzer”, a soberania divina destaca-se como força determinante; onde se lê “atrair”, abre-se espaço para interpretações que enfatizam a liberdade humana. Assim, embora a maioria das versões preserve o sentido original em João 6:44, a escolha por “atrair” em João 12:32 confirma uma tendência significativa de suavização, especialmente em contextos em que a linguagem busca ser mais poética, mais apelativa e menos coercitiva.

Essa escolha lexical pode influenciar a interpretação teológica, pois o verbo “atrair”, se for desconsiderado o contexto sócio-histórico de uso do grego antigo, período clássico e koiné, pode sugerir persuasão resistível, enquanto “trouzer” indica ação eficaz e soberana do agente. Essa observação é coerente com a

perspectiva semiótica, segundo a qual toda tradução constitui uma nova enunciação e, portanto, o enunciador reconfigura o percurso gerativo de sentido, podendo deslocar valores e reajustar o contrato de sentido com o seu enunciatário. À luz da Semiótica Discursiva, compreende-se que a estabilidade do núcleo semântico de ἐλκύω é resultado da coerência entre enunciado, enunciação e contexto discursivo, o que reforça a necessidade de considerar tais níveis ao avaliar traduções e interpretações teológicas.

Os dicionários especializados cotejados convergem para um sentido único e estável: ἐλκύω implica movimento irresistível, quer em sentido literal ou figurado, fundamentando a doutrina da graça irresistível. Conclui-se que compreender o núcleo semântico do verbo, em seu contexto original de produção, é essencial para uma exegese fiel e para evitar distorções interpretativas e de traduções. A suavização nas traduções do lexema ἐλκύω reflete preocupações semânticas, estilísticas e teológicas, podendo sustentar interpretações soterológicas sinergistas. Eis aí o erro anacrônico da exegese, que pavimenta o caminho para a eisegese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do verbo ἐλκύω, conduzida à luz da Semiótica Discursiva, evidencia que seu núcleo semântico permanece estável desde os usos clássicos até o Novo Testamento, sempre articulando a noção de um movimento imposto por uma força externa, seja físico ou figurado. A investigação mostrou que as escolhas tradutológicas nem sempre preservam esse percurso de sentido, e podem deslocar valores fundamentais ao transitar de “arrastar” ou “puxar” para “atrair”, produzindo efeitos interpretativos distintos no campo teológico. Compreender o verbo como objeto de significação, cuja enunciação se insere em um contexto histórico, literário e doutrinário específico, permite reconhecer que a tradução constitui sempre uma nova enunciação e, portanto, implica reconfigurações possíveis do contrato de sentido com o enunciatário. Assim, a abordagem semiótica reforça que somente a leitura atenta ao funcionamento discursivo do verbo, em seu contexto de produção original, pode evitar anacronismos e interpretações subjetivistas, contribuindo para uma exegese mais rigorosa, historicamente situada e teoricamente fundamentada.

The subversion of meaning in translating the verbe ἐλκύω in the New Testament and its theological implications

ABSTRACT

This article analyzes the Greek verb ἐλκύω, found in the New Testament, exploring its semantic evolution and theological implications. The investigation is conducted in the light of Discursive Semiotics, which provides the theoretical instruments to understand how the meanings of the verb are constituted in the enunciation and articulated with the historical and theological context of its discursive production. The research draws on three specialized lexicons, LSJ, BDAG, and TDNT, to provide a semantic, philosophical, historical, and exegetical approach. From Homer onward, the verb carries the core meaning of a movement imposed by an external force, whether in a literal sense (dragging bodies, pulling nets) or figurative (irresistible attraction by desires). This feature is confirmed by classical parallels, such as Plato and Aelian, and by the Latin verb *trahere*, reinforcing the idea of inevitable compulsion. The analysis shows that in English, “to draw”, one of the verbs used to translate ἐλκύω, evolved from “pull/drag” to include “attract”, softening the original sense. In Portuguese, biblical translations vary between “puxar”, “arrastar”, “trazer”, and “atrair”. In ordinary contexts (John 18:10; 21:6; Acts 16:19), “puxar” and “arrastar” predominate, preserving the notion of external force. In soteriological contexts (John 6:44; 12:32), divergence appears: in John 6:44, 66.7% of biblical translations choose “trazer”, while in John 12:32 all opt for “atrair”. This lexical choice can influence theological interpretation, since the verb “atrair”, if detached from the socio-historical context of ancient Greek usage, classical and Koine periods, may suggest resistible persuasion, whereas “trazer” indicates effective and sovereign action by the agent. The specialized lexicons examined converge on a single, stable meaning: ἐλκύω implies irresistible movement, whether literal or figurative, underpinning the doctrine of efficacious grace. The softening in translations reflects semantic, stylistic, and theological concerns, potentially supporting synergistic soteriological interpretations. It is concluded that understanding the semantic core of the verb within its original context of production is essential for faithful exegesis and for avoiding interpretative and translational distortions.

KEYWORDS: ἐλκύω. Sense effects. Biblical translation. New Testament. Irresistible grace.

NOTAS

1 - ἔλκω é a forma mais antiga e considerada a raiz do verbo, usada na literatura clássica (Homero, Heródoto, Platão etc.). ἐλκύω é uma variante posterior, que aparece em períodos helenísticos e no grego koiné, como no Novo Testamento. Essa mudança segue um padrão comum na evolução do grego, quando formas com sufixo -ύω surgem para substituir ou coexistir com formas mais antigas.

2 - O verbo “to draw” em inglês possui ainda mais sentidos dependendo do contexto em que ocorre, tais como “desenhar”, “empatar” em um jogo, “sacar” uma arma, “tirar” no sentido de extrair ou obter algo.

3 - Todas as traduções do inglês foram feitas pelo próprio autor deste artigo.

4 - As citações bíblicas isoladas serão citadas sempre a partir da edição da ARA – Almeida Revista e Atualizada, a menos que se indique de forma diferente.

5 - ARA – Almeida Revista e Atualizada; ARC (1969) – Almeida Revista e Corrigida, edição de 1969; ARC (2009) – Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009; A21 – Almeida Século 21; NAA – Nova Almeida Atualizada; NBV-P – Nova Bíblia Viva – Popular; NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje; NVI – Nova Versão Internacional; NVT – Nova Versão Transformadora; Ave Maria – Bíblia Ave Maria; BJ – Bíblia de Jerusalém; KJ 1611 – King James Version, edição original de 1611; KJA – King James Atualizada, totalizando 13 versões bíblicas.

6 - Além das treze versões bíblicas anteriormente apontadas, para essa seção, foram acrescentadas outras cinco, a saber: BLT (Bíblia Livre para Todos); VFL (Versão Fácil de Ler); TB (Tradução Brasileira); Peregrino e TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia), totalizando 18 versões bíblicas.

7 - Muitas vezes, essa obra é apenas referida como “Dicionário Kittel”.

8 - R. C. Sproul, “Man’s Radical Fallenness,” in Chosen by God, Part 4, 00:38:00, (video, 55:00), Ligonier Ministries, 1986, <https://www.ligonier.org/learn/series/chosen-by-god/mans-radical-fallenness>.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

A Bíblia Sagrada: **Almeida Revista e Corrigida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

A Bíblia Sagrada: **Almeida Revista e Corrigida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

A Bíblia Sagrada: **Almeida Século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

A Bíblia Sagrada: **Bíblia Ave Maria**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2002.

A Bíblia Sagrada: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

A Bíblia Sagrada: **Bíblia Livre para Todos**. São Paulo: Editora Bíblia Livre, 2015.

A Bíblia Sagrada: **King James Atualizada**. São Paulo: Abba Press, 2013.

A Bíblia Sagrada: **King James Version**. São Paulo: Abba Press, 2013.

A Bíblia Sagrada: **Nova Almeida Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

A Bíblia Sagrada: **Nova Bíblia Viva – Popular**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

A Bíblia Sagrada: **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

A Bíblia Sagrada: **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2011.

A Bíblia Sagrada: **Nova Versão Transformadora**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

A Bíblia Sagrada: **Peregrino**. São Paulo: Paulus, 1990.

A Bíblia Sagrada: **Tradução Brasileira**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

A Bíblia Sagrada: **Tradução Ecumênica da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1994.

A Bíblia Sagrada: **Versão Fácil de Ler**. São Paulo: Editora Vida, 2012.

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1994.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DANKER, F. W.; BAUER, W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. **A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. 3. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000. (BDAG)

ELIANO. **História dos Animais**. Trad. José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FIORIN, J. L. "Semiótica e História." In: **Anais do I STIS – Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC**, v. 1, n. 1, 2012. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/stis/article/view/2025/2217>. Acesso em: November 30, 2025.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

HERÓDOTO. **Histórias: Livro I – Clio**. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal Editores, 2019.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal Editores, 2018.

KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY, G. W. (Ed.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Vol. 2. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. (TDNT)

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida**. São Paulo: Educ-Pontes, 1992.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S.; McKENZIE, R. **A Greek-English Lexicon. Revised and augmented throughout.** Oxford: Clarendon Press, 1940. (LSJ)

PLATÃO. **Fedro.** Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

SPROUL, R. C. "Man's Radical Fallenness." In: **Chosen by God**, Part 4 (vídeo, 55 min). Ligonier Ministries, 1986. Disponível em: <https://www.ligonier.org/learn/series/chosen-by-god/mans-radical-fallenness>. Acesso em: 30 nov. 2025.

VIRGÍLIO. **Éclogas.** Trad. Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2006.

Recebido: 17 dez. 2025

Aprovado: 28 dez. 2025

DOI: 10.3895/rl.v27n51.21292

Como citar: MELLO, L.C.M.F. A subversão de sentidos na tradução do verbo ἐλκύνω do Novo Testamento e seus impactos teológicos. R. Letras, Curitiba, v. 27, n. 51, p. 127-143, jul./dez. 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

